



# Página Cultural

Publicações • Temas • Ilustrações • Textos

Ano VIII - Número 88 • Periodicidade: Última 4.ª feira do mês  
Coordenação de: Álvaro Arranja, António Chitas e Daniel Pires

## BOCAGE E JOSÉ AFONSO

No momento em que Setúbal lembra a figura de José Afonso, nada mais oportuno para esta página bocageana do que sublinhar a similitude entre estes dois personagens admirados pelos setubalenses.

Em primeiro lugar, ambos usaram a poesia como forma de expressão. A força do texto poético para comunicar a sua inquietude permanente, pondo em causa as convenções, costumes ou interesses instalados nas sociedades suas contemporâneas.

Bocage defendia a:  
*Liberdade querida e suspirada,  
Que o despotismo acérrimo condena.*  
José Afonso uma:  
*Cidade sem muros nem ameias  
Gente igual por dentro, gente  
igual por fora.*

Por isso, sofreram na carne o peso da repressão. Bocage caiu sob a alçada da Inquisição. Foi preso:

*Aqui pela opressão, pela violência*

*Que em todos os sentidos se reparte.  
Vai para uma “estufa de treze palmas”, a prisão do Limoeiro, “vítima de aspérrima violência”.*

José Afonso, afastado da sua profissão de professor de História no Liceu de Setúbal, foi vítima da PIDE do salazarismo, os “vampiros” que “*comem tudo e não deixam nada*”, e:

*Batendo as asas  
Pela noite calada  
Vêm em bandos  
Com pés de veludo  
Chupar o sangue  
Fresco da manada.*

Foi preso para o novo Limoeiro, a prisão de Caxias. Ali:

*Ouvem-se os gritos  
Na noite abafada.*

Até o seu percurso de vida foi algo semelhante. Os dois conheceram e viveram em partes do império colonial. Bocage na Índia e José Afonso em Moçambique.



Porém, o aspecto mais importante, é o da actualidade das suas obras. Ambos continuam a incomodar, porque os seus textos conservam plena actualidade, pela sua frontalidade, irreverência e sentido crítico. Por isso, sobre as suas obras se continuam a exercer novas formas de censura, tentando fazer condená-los ao esque-



cimento, atitude que deve merecer o repúdio dos setubalenses.

Setúbal, coerente com a sua história, não elege como seus heróis, gente do dinheiro, políticos ou generais. Escolhe dois poetas, que viveram e morreram longe dos bens materiais, mas próximos do coração do povo ○

Álvaro Arranja

### As minhas primeiras letras

## Da minha primeira escola, até à escola da vida

Cinco anos e meio, subo as escadas de um segundo andar, sito na rua Ladislau Parreira (antiga rua de S. Francisco, no bairro de Troino), para o meu começo escolar.

D. Adelaide Soares, mãe de um engenheiro camarário dos serviços municipalizados, seria então a minha primeira professora primária, senhora de boas virtudes, amável e competente.

Não fui para começar a desenhar, pintar ou sujar as mãos, nem sequer brincar, fui sim, para aprender a ler, escrever e contar. Era assim nos anos vinte.

Ali encontrei um amigo para toda a vida, o saudoso escritor, católico convicto e protector dos pobres, Ricardo Correia.

Mais tarde frequentei a “escola da Fonte Nova”, no antigo edifício brasãoado “Feu Guião” (onde nasceu o meu amigo e setubalense de quatro



costados, Cunha Bento), local quase paredes-meias com o edifício onde nasceu Luísa Todi.

Transitei depois para a escola particular de António Cachimbina, sita na Praça Marquês de Pombal (um dos fundadores do Vitória Futebol Clube). Ai fiz os estudos para a quarta clas-

se. Este professor era de uma enorme competência, fazendo parilha no bairro de Troino com o professor Rodrigues, que era ao mesmo tempo, sacristão na igreja de Nossa Senhora da Anunciada.

Rigorosos, talvez em demasia, defensores acérrimos da palmatória de

cinco olhos, mas ensinavam bem. Ali aprendi a vulgar matemática, que ia até à raiz quadrada, história, (não estória), gramática e geografia, assim como mineralogia, geologia, botânica (aos domingos tínhamos aulas ao vivo, numa pequena quinta) e geografia europeia, até aos mapas-mundo.

Fiz o respectivo exame na “escola Conde Ferreira” aos onze anos, tendo sido uma das minhas examinadoras a distinta professora D. Angelina. Recebi uma distinção, porque teimei com o Presidente da mesa, que a conta decimal que fiz no quadro, estava certa, quanto à colocação das vírgulas, dizendo que fora assim que o meu professor me ensinara.

Era costume na época, passarem-se rasteiras aos alunos das escolas particulares.

De seguida emprego-me, e aos doze entro para a “Escola Industrial e Co-

## Editorial

Nesta página cultural, continuamos com a série “As Minhas Primeiras Letras”, na qual cada convidado evoca os seus primeiros anos de escola, hoje com o depoimento de um setubalense que dispensa apresentações, João Envia.

Carlos Mouro e Horácio Pena, falam do Padrão de Santo Agostinho, cuja réplica se encontra num recanto agradável da nossa cidade, o Jardim do Quebedo.

No momento em que Setúbal faz uma merecida evocação da figura de José Afonso, poeta e cantor da liberdade, com tantas ligações à cidade do Sado, Álvaro Arranja faz uma comparação entre Bocage e José Afonso, com uma obra e percurso de vida com tantas semelhanças e ambos tão admirados pelos setubalenses.

O C.D. com poesia de Bocage, dita por José Nobre e musicada por Rui Serôdio, será lançada no dia do aniversário do poeta, 15 de Setembro.

No mês de Agosto não se publica a página do C.E.B.

Boas férias aos nossos leitores! ○

mercantil Gil Vicente”, apoiado pelo Dr. Joaquim Ferreira de Sousa, então seu director, que me cedeu os livros, por ser amigo de meu saudoso pai, que então era vendedor de peixe no velho mercado do Livramento.

Foram meus professores, o Dr. Luís Teixeira Macedo e Castro, Honório Ferreira dos Santos, e entre outros, o Dr. Luís Portugal Fonseca e Melo, que foi oficial combatente na 1ª Grande Guerra, padrao da saudosa e conhecida jornalista Vera Lagoa.

Não completei o curso nocturno, porque as papelarias fechavam às 22 horas, e o meu patrão desistiu de me facilitar a saída antes dessa hora. O meu sonho de estudar esvaiu-se com o tempo, pois meus pais precisavam dos 160\$00 que auferia mensalmente, para poderem enfrentar a vida de miséria da época.

E assim entrei na escola da vida ○

João Francisco Envia

## O Padrão de Santo Agostinho, de Setúbal

A 10 de Junho de 1960 o núcleo de Setúbal da Mocidade Portuguesa inaugurou, na Praça de Quebedo, o padrão designado de Santo Agostinho. Fê-lo em celebração desse dia “consagrado ao espírito universal da raça portuguesa em todas as suas latitudes”, ao “génio de Camões” e à figura do Infante D. Henrique (1394-1460) sobre cuja morte, naquele ano, se cumpriam quinhentos anos, e fê-lo em cerimónias enquadradas pelo espírito do regime então vigente. Recorde-se, a propósito, que nos termos do artigo 2.º do Regulamento da Mocidade Portuguesa eram “guias ideais da sua acção os grandes exemplos de Nuno Álvares Pereira e do Infante D. Henrique”.

As comemorações henriquinas foram, de acordo com o respectivo programa, associadas ao dia 10 de Junho - considerado ‘Dia de Portugal’, “comemorativo de Camões, pelo alto valor nacional e pela projecção univer-

sal da obra do nosso grande épico, na qual se consubstanciavam as maiores glórias dos Descobrimentos”.

O Padrão de Santo Agostinho, erigido em Setúbal em 1960, é constituído por uma coluna de pedra, de secção cilíndrica, engastada numa rocha não trabalhada, que lhe serve de base, encimada por um paralelepípedo, também de pedra, sobrepujado por uma cruz de Cristo. A face norte do capitel ostenta o escudo de D. João II (1455-1495), enquanto que na face oposta se lê o verso d’*Os Lusíadas*: ‘Se mais mundo houvera lá chegara’. As outras faces estão virgens.

Pela descrição feita, facilmente se reconhece estarmos em presença de um padrão das descobertas ou, melhor dizendo, de uma réplica (mesmo de uma alegoria) de um desses monólitos que os navegadores portugueses de finais de quatrocentos implantaram ao longo da costa africana, como forma de garantirem a prioridade, a

posse e, logo, os rendimentos dos territórios descobertos.

Segundo o testemunho de João de Barros (1496-c. 1570), nas *Décadas da Ásia*, o assentamento de marcos de pedra foi iniciado por Diogo Cão, cuja primeira frota zarparou do Tejo, na Primavera de 1482, levando a bordo, entre outro material, alguns padrões talhados em calcário de pedreiras da zona de Lisboa.

Aquela prática parece denotar o facto de a empresa descobridora ter entrado, definitivamente, numa fase organizada, planificada, a exigir marcação mais segura dos territórios resgatados ao desconhecido.

A “crónica” do que foi, localmente, essa jornada celebrativa, das cerimónias que a integraram, e nas entrelinhas de cujo relato se pode ler o seu significado, está nas laudas dos periódicos então publicados na cidade: *O Setubalense*, *O Distrito de Setúbal* e *Gazeta Setubalense*.

Esse já longínquo 10 de Junho, na cidade do Sado, teve início pelas 9 horas e 30 minutos, com a concentração de cerca de 1500 filiados (nos centros primários da Mocidade Portuguesa, na fortaleza de S. Filipe e na Praça de Quebedo) e com uma “patriótica alocação” de Joaquim Cordeiro da Conceição, director do Distrito Escolar.

Naquela praça, pouco depois das 10 horas, perante os filiados dos centros secundários, extra-escolares e muito povo, e com a presença das autoridades, foi celebrada missa campal, pelo padre Assílio Mendes - um dos sacerdotes da Casa do Gaiato - junto de um padrão evocativo da era dos Descobrimentos de imediato descerrado pelo chefe do Distrito. Seriam 11 horas quando os filiados prestaram voto de fidelidade ao exemplo e à obra do Infante D. Henrique.

Em seguida, tomaram a palavra os senhores José Cândido e Manuel Marquilhas - dois dirigentes locais da Mo-

cidade Portuguesa - que, com “palavras repassadas de patriotismo, aludiram a dois heróis de antanho: o Infante D. Henrique e Vasco da Gama [1468-1524], figuras nacionais a quem a Pátria ficou sempre agradecida”. As alocações foram, nas palavras do repórter da *Gazeta Setubalense*, “uma magistral lição”.

Houve lugar, ainda, para outras cerimónias, na Escola Técnica, no Liceu e na Escola n.º 4, do Bairro Salgado

À noite, as comemorações encerraram com uma ‘velada de armas’ e ‘chama da Mocidade’, manifestações então muito comuns, promovidas pela Mocidade Portuguesa como forma galvanizadora dos jovens (e dos mais velhos, também), inculcando-lhes ‘espírito de corpo’ e de ‘vigilância’. Na parada do forte de Albarquel, onde tais manifestações tiveram lugar, foi representado, ainda, um auto henriquino ○

Carlos Mouro  
Horácio Pena